

A NOITE DA TEMPESTADE

FILIPA AMORIM

SUMA
de letras

*Vi do meu quarto a nuvem mãe
Em negra carga a par do fim
Vibrou no vidro até se ouvir
Eu abro a dor de ser quem sou
De tudo amar
Vai pra casa
Esquece a rua
Que eu vi
Hoje o tempo vai mudar*
ORNATOS VIOLETA, *Nuvem*

*Como é que escreve enquanto o fim não vem?
Enquanto o fim não vem, caminho às cegas.*

MAFALDA SANTOS,
Enquanto o Fim Não Vem

*I see the bad moon a-risin'
I see trouble on the way
I see earthquakes and lightnin'
I see bad times today
Don't go around tonight
Well it's bound to take your life
There's a bad moon on the rise*

CREEDENCE CLEARWATER REVIVAL,
Bad Mon Rising

Prólogo

Mais tarde, quando pensasse naquela noite, culparia o irmão. Agora, contudo, só conseguia aborrecer-se por ele ser tão responsável.

— Já disse que temos de ir — repetiu Vicente.

— Podemos ficar só mais um bocadinho?

— Não. Não me apetece ouvir um sermão quando chegar.

— Se vos puserem fora de casa, temos um quarto a mais na nossa — brincou Rui.

Encostado à parede, atrás deles, assistia à cena com um sorriso. Estendeu-lhe a cerveja. Vicente bebeu dois goles e devolveu-lhe a garrafa, sem tirar os olhos de Sofia. Ciente de que não valia a pena insistir, ela levantou-se do sofá, onde estava apertada entre duas amigas dele.

— Se eles ainda não estiverem em casa, não te perdoos. A Patrícia ia agora mesmo contar o que é que o Hugo lhe fez ontem à tarde!

— Deves ter muito que ver com isso — resmungou Vicente.

Sofia continuou a reclamar baixinho enquanto se dirigia para a pista de bowling, onde o resto do grupo se reunira para assistir à final do torneio que disputavam há quase três horas. As outras pistas estavam ocupadas com grupos de adolescentes, casais em primeiros encontros ou famílias com crianças pequenas, numa algazarra descomunal. Mas Sofia adorava aquilo. Adorava sentir o corpo vibrar com o baixo da música que ecoava das colunas de teto, ver pessoas divertirem-se à sua volta, os gritos eufóricos quando derrubavam os pinos, todo o ambiente daquele bar aonde Vicente e os amigos iam quase todas as sextas-feiras. E adorava

que ele a tivesse trazido desta vez e que todos a fizessem sentir-se parte do grupo.

Agora só sobravam Gonçalo e Martim em jogo, e Gonçalo já se posicionava para outro lançamento triunfante. Era, de longe, o melhor, e Sofia sabia que falhava alguns strikes de propósito, para não humilhar demasiado os amigos.

Não falhou aquele, e a sua hilariante dança da vitória só ficou a meio porque, ao virar-se, reparou que Vicente e Sofia tinham vindo despedir-se. Abraçaram os vários elementos do grupo, entre promessas vãs de Vicente de que, para a próxima, ficariam até mais tarde, e dirigiram-se para a porta.

— Há de valer-te de muito, seres sempre tão certinho — resmungou Sofia.

— Vale não ficar de castigo até ser velho.

Ao abrirem a porta, a rua parecia um forno. Sofia tinha calor dentro do bar, mas contava que ali estivesse mais fresco. Apanhou o cabelo num rabo-de-cavalo e acelerou o passo para se manter ao lado de Vicente. O telemóvel dele apitou com a chegada de uma mensagem, e Vicente tirou-o do bolso para ver de quem era. Sofia nem arriscou perguntar, porque ele estava naquela fase parva em que tinha montes de segredinhos e se achava muito importante. Mas ela era mais esperta. Às vezes, surripiava-lhe o telemóvel e lia-lhe as mensagens, por isso deduziu, pelo sorriso pateta com que ele ficou, que seria de uma das três raparigas que ele andava a tentar engatar.

O bar ainda ficava longe da paragem de autocarro onde apanhavam o único que passava na rua deles, e faltavam poucos minutos para ele chegar. Se o perdessem, o próximo só passaria dali a uma hora. Caminharam depressa e em silêncio, Sofia a pensar no que ouvira as amigas de Vicente dizerem de Hugo e a sonhar que, um dia, algum rapaz lhe faria o que quer que ele tivesse feito a Patrícia, e Vicente tão distraído com o telemóvel que nem via onde punha os pés. Sofia tinha de lhe dizer quando virar e onde.

Mas não o avisou quando viu o homem.

Da primeira vez, olhou de esguelha, como fez para as outras esquinas e becos por que passaram. Pensou ter visto um monte de cobertores e caixas de cartão junto à parede da rua estreita e escura. Semicerrou os olhos e conseguiu entrever uma pessoa debaixo dos cobertores. Parecia estar a dormir, e isso não a assustou, mas estranhou o cão que o farejava de forma ansiosa.

Antes de Vicente ter tempo de se dar conta, Sofia aproximou-se do homem. Queria saber se estava mesmo a dormir ou se teria desmaiado.

Só quando lhe viu a cara percebeu que estava morto.

Os olhos arregalados e a boca escancarada, ainda com um fio de saliva a escorrer, reviraram-lhe o estômago. A náusea cresceu quando viu o corte que ele tinha ao longo da garganta, o sangue ainda fresco. O cão levantou a cabeça para ela, dois poços negros no lugar dos olhos, ganiu apenas uma vez e ela desatou a gritar.

Vicente deixou cair o telemóvel com o susto. Virou-se para trás, correu e abraçou-a com força. Sofia debateu-se, tentando ver por cima do ombro dele, e só percebeu aquilo que Vicente dizia quando ele a sacudiu pelos ombros e a obrigou a olhá-lo nos olhos. Quando o fez, aquilo que viu neles cortou-lhe a voz.

— Está tudo bem — disse Vicente, com uma calma arrepiante. — Está tudo bem.

— Mas ele está *morto!*

— Não te preocupes. Eu trato disto.

Sofia anuiu. Vicente safava-a sempre dos sarilhos em que se metia. Nunca havia problema que não conseguisse resolver nem asneira que não conseguisse apagar antes de os pais descobrirem. Deixou-o apertá-la nos braços trémulos, mas fortes. Só precisava de confiar nele.

Ao espreitar o cadáver, perguntou-se, porém, se, desta vez, o sarilho não seria grande de mais até para Vicente.

Capítulo 1

20 anos depois

Estava perdida.

Não era habitual. Até julgava ter bom sentido de orientação. Mas, desta vez, nem valia a pena negar: não fazia a menor ideia de onde estava.

A culpa era da tempestade, que superara bastante a previsão meteorológica. Os limpa-para-brisas lutavam inutilmente contra a bâtega que se precipitava sobre eles, o carro oscilava, ao sabor do vento, e Sofia amaldiçoava-se por se ter metido naquela situação.

— Na rotunda, saia na segunda saída.

Até saltou, de susto. O GPS vinha desorientado há quase um quarto de hora, mas, se agora acordava, tinha de confiar nele, certo?

Claro que não. Como se o anúncio a tivesse enfurecido, a tempestade agravou-se. *Ai, pensas que vais escapar? Não, não vais.*

Sofia abanou a cabeça. Se entrasse em pânico, teria um acidente.

A estrada estava tão alagada que não sabia como conseguia manter o controlo do carro. Agarrou o volante com força, sentindo que podia chocar com qualquer coisa a qualquer instante. Só saberia que vinha um carro na faixa contrária quando se desse o beijo de chapa e aço.

Passou a rotunda, ainda sem ver nada além de escuridão. Se não estivesse a tremer de adrenalina, estaria a tremer de frio. O ar condicionado avariara e, lá fora, estavam quase zero graus.

— Na rotunda, saia na segunda saída.

A rotunda surgiu como uma assombração, demasiado perto para a indicação do GPS. Abrandou para a contornar, dando-se conta de que havia umas estranhas estátuas ao centro.

Quando os faróis as iluminaram, arrepiou-se ao ver que eram ganchos.

Não, ganchos não. Anzóis.

Anzóis cinzentos gigantes. De dia, deviam brilhar como prata e pareciam capazes de esventrar uma pessoa. A visão arrefeceu-a. Acelerou um pouco para os ultrapassar e, quando a escuridão e a chuva voltaram a ocultá-los, o alívio alastrou-lhe pelo corpo.

Pouco depois, surgiu no GPS o pionés a assinalar a meta. Entrou na dita rua, que tinha apenas uma fileira de casas no lado direito. Para lá delas, o vazio.

— Chegou ao destino.

Parou o carro frente à última casa. Desligou o motor e tentou abraçar o silêncio, mas era impossível fazer-se silêncio sob aquele temporal. Desligou o GPS, afundou-se no banco, tirou o maço e o isqueiro do bolso e acendeu um cigarro. Não desviou os olhos do vidro, sabendo que, para lá da cortina de água, surgia a casa onde teria de entrar daí a instantes. A casa *dele*.

Terminou o cigarro e decidiu que estava na hora. Correu o fecho da parca, puxou o capuz para a cabeça e virou-se para tirar a mochila do banco de trás. Inspirou fundo uma última vez e tentou abrir a porta, mas uma rajada de vento empurrou-a para trás. Teve de tentar outras duas vezes até conseguir sair, trancar o carro e dirigir-se para a casa. Subir os degraus até à porta também foi um desafio, e suspirou mal conseguiu abrigar-se.

Guardara as chaves na bolsa de fora da mochila. Quando as tirou, um relâmpago rasgou o céu e refletiu-se no metal do porta-chaves.

Ele insistiu que ela deveria ter uma cópia das chaves. Como recusou, não tinha remédio senão usar as dele. As que já nem lhe chegaram pelas suas mãos.

Teria conseguido abrir a porta mais cedo, se não estivesse a tremer tanto. O ranger das dobradiças também não ajudou.

Não sabia o que a esperava do outro lado, mas seria sempre preferível à chuva e ao vento maníaco que rugia à sua volta.

Porém, quando entrou, só havia mais escuridão.

Bateu logo a porta, mas o frio e o clamor do temporal seguiram-na. Deu o primeiro passo e procurou o interruptor. Ao pressioná-lo, nada aconteceu. Voltou a carregar, até reconhecer que a tempestade teria deitado a luz abaixo. Rendeu-se, pegou no telemóvel e ligou a lanterna, apontando a luz fantasmagórica à sua volta.

Estava num corredor estreito. Na parede à sua esquerda, a seguir ao interruptor, surgiam duas molduras. Como a mera ideia de olhar para elas bastava para lhe apertar o estômago, manteve a lanterna apontada para o chão. Olhou para a direita e viu um grande espelho de rosto. Também evitou deter-se nele, ciente de que o seu reflexo seria ainda mais assustador do que as fotografias nas molduras.

E se não aparecesse só a sua cara, mas a dele também?

Desviou o olhar. Por baixo do espelho havia um aparador de madeira com outra moldura, um telefone e uma jarra de vidro. As flores estavam para lá de mortas e temeu que, se lhes tocasse, mesmo que só ao de leve, se desfizessem em pó. Levantou o telefone do descanso, mas não ouviu nada. Sabia que Marta continuava a pagar as contas, pelo que só podia ser o temporal a afetar a luz e as telecomunicações.

Além das duas portas mais à frente, que deveriam ser a da cozinha e a da casa de banho, surgia um arco de parede. Atravessou, entrando na sala de estar. Reparou logo na janela, ao fundo, que dava para a praia. De dia, teria uma vista fabulosa, mas, naquele momento, permitia apenas que se ouvisse tanto a chuva como se estivesse lá fora. Continuou a explorar a sala. Não era grande — a casa em si era uma moradia modesta, como as restantes dessa rua, nada de luxos —, mas, não estando atulhada de mobília e decoração, parecia maior. Os sofás, um principal

e outro de apoio, também pareciam confortáveis, embora só optasse por eles depois de testar as camas. As escadas ficavam ao fundo da sala. Quando as alcançou, começou logo a subir, nem ousando olhar para o lanço que descia. Ainda não se sentia preparada para enfrentar o que havia lá em baixo.

No topo, deparou com outro corredor, com duas portas de cada lado, separadas por mais molduras. Na parede do fundo, uma janela apenas. Os cortinados, apesar de corridos, eram demasiado leves e deixaram entrar um relâmpago que a sobressaltou. Quase deixou o telemóvel cair. O clarão fora suficiente para a petrificar, mas o trovão que soou a seguir, tão alto que pareceu fazer a casa estremecer, não ajudou a que se sentisse melhor.

Será que ele chegara a sentir-se confortável e seguro ali, ou fora só garganta?

Abriu a primeira porta à esquerda, que dava para um quarto de hóspedes. Duas camas de solteiro, uma mesa de cabeceira entre elas, um tapete aos pés de ambas e um roupeiro em frente. Fechou a porta e deixou as botas junto a ela. Despiu a parca e pôs-a e a mochila na cama mais afastada da porta. Procurou dentro da mochila a bolsa dos produtos de higiene e a garrafa de água. Tomou dois comprimidos para dormir e meteu-se debaixo dos lençóis de flanela, dos dois cobertores de lã e da colcha fina, ligeiramente húmidos e bafientos. Ao afundar a cabeça na almofada, demasiado baixa, teve saudades da sua, mas o cansaço falou mais alto.

Sob o clamor da tempestade, sentiu-o deitar-se ao seu lado e adormeceu tão depressa como se morresse.

Capítulo 2

Voltou à vida, no dia seguinte, com a brusquidão a que começava a habituar-se.

Deu um pulo e sentou-se no meio dos lençóis, alagados em suor. Tentou acender o candeeiro da mesa de cabeceira, mas ainda não havia luz. Levantou-se com o prenúncio de uma dor de cabeça. Precisava de um café e de um cigarro.

Atravessou o corredor, que na noite anterior parecia pavoroso, mas agora, banhado naquela luz celestial, não podia ser mais tranquilo, e desceu à sala. Do que já conseguira perceber, aquela era a típica casa de praia: chão em madeira escura, tetos e paredes brancas e decoração em azuis, branco e bege. E montes de fotografias. Continuou a evitá-las, porque ainda não se sentia capaz de enfrentar os sorrisos dele. Também não queria chegar ao cúmulo de as tirar das paredes e prateleiras, mas, enquanto pudesse ir passando sem olhar, melhor.

A cozinha era moderna e espaçosa e, sem contar com os eletrodomésticos, pretos e cromados, exibia o mesmo estilo de decoração que o resto da casa. Dirigiu-se para o frigorífico, que, como previa, estava praticamente vazio. Os armários e a despensa não ofereceram melhores hipóteses. Nem uma mísera saqueta de chá encontrou. Teria de tomar o pequeno-almoço fora. Voltou ao quarto para trocar de roupa e ir buscar a carteira.

Chegada à rua, lançou um olhar aborrecido ao céu, coberto por uma grossa camada de nuvens, e apressou-se a entrar no carro. A dor de cabeça estava a piorar. Acendeu um cigarro.

Não demorou a chegar ao centro de Santa Cruz, que parecia uma vila fantasma. Não via vivalma e eram poucos

os estabelecimentos de portas abertas, pelo que estacionou logo à porta do primeiro café que viu a funcionar.

O espaço era pequeno, mas o expositor estava cheio de bolos e pães com ótimo aspeto. Só contava com dois empregados, do outro lado do balcão, que a receberam como se fosse D. Sebastião a surgir do nevoeiro.

— Bom dia! — cantarolou a empregada.

Loura, vinte e muitos anos, bonita, com um ar tão sonolento como o seu. Sofia pediu-lhe um abatanado e um croissant misto e foi sentar-se a uma mesa junto à janela. Ficava na zona mais luminosa do café e de frente para a televisão de parede, onde apresentavam as novidades do plantel do Benfica para a nova época.

A empregada trouxe-lhe o pequeno-almoço minutos depois.

— Está de passagem por Santa Cruz?

— Sim.

— Não escolheu a melhor altura. Isto no verão é muito mais agradável.

— Acredito, mas foi agora que tive de vir.

— Pois, estou a ver... está alojada no hotel aqui da rua? Ou ficou num dos outros?

Sofia tentou manter a calma. Detestava que lhe fizessem interrogatórios logo pela manhã. No entanto, e porque tinha noção de que estava apenas a provar do seu próprio veneno, disfarçou a irritação.

— Estou numa casa particular — acabou por responder.

— Ah, muito bem...

Sofia dedicou-lhe um sorriso que esperou que encerrasse a conversa e tornou a olhar para a televisão, mas a empregada não se deixou vencer.

— Olhe, pode não ter vindo na melhor altura, mas, se veio para descansar, fez uma boa escolha. Nunca acontece cá nada, vai ver, isto é uma pasmeira. Se quiser sugestões de coisas para fazer ou sítios aonde ir, posso...

— Ó Anita, já arrumaste a louça?

Anita lançou um olhar furioso ao colega, que continuava atrás do balcão, e voltou a encará-la com um encolher de ombros.

— Desculpe, o meu colega está a chamar. Se precisar de mais alguma coisa, diga!

Sofia agradeceu, deixou-a ir e levou o café à boca. Estava a escaldar e queimou-lhe a língua. O croissant era bom e ajudou a aliviar a dor de cabeça e o humor de cão.

No fim, pagou e voltou à rua. Regressou ao carro e a casa, e já estava a chegar quando se lembrou de que não tinha nada para almoçar nem jantar. Pegou no telemóvel, pesquisou pelo supermercado mais próximo e descobriu um a poucos quilómetros. Também estava quase vazio, pelo que as compras foram rápidas. Ainda assim, quando saiu, viu que o nevoeiro piorara. Fez-se à estrada a resmungar para consigo e a pensar em que vida se podia ter naquele ermo do fim do mundo. Que vida teria *ele* tido. Para cúmulo, a casa ficava bastante isolada, ao fundo de uma rua sem saída, com o miradouro a seguir e, lá em baixo, a praia da Vigia. Era o lugar perfeito para quem se queria isolar do mundo.

E, lá no fundo, não é isso que estás a fazer?

Quis ignorá-lo, mas ele não se deixou calar. Nunca deixou, por isso também não devia esperar que o fizesse agora.

Não conseguia lembrar-se de um tempo em que a sua consciência não assumisse a voz dele. Em que não fosse ele que ouvia, de fininho e ao longe, a chamar-lhe a atenção para alguma decisão menos acertada, algum erro que estivesse prestes a cometer. O esforço de ignorar esses conselhos tornava-se ainda mais difícil porque depois também ocorriam no plano real. Ele não perdia uma oportunidade para lhe dar na cabeça, para a fazer ver o seu ponto de vista e para lhe provar que era melhor do que o dela.

Quantas vezes é que já te disse...

Estava-se mesmo a ver que ia dar nisto...

Eu não te avisei?

Continuava a ouvi-lo quando estacionou frente à casa. Foi buscar as compras à bagageira, deixando ficar as duas malas maiores, que viria buscar mais tarde. Conseguiu entrar sem precisar de pousar os sacos e dirigiu-se para a cozinha a tentar que não lhe faltasse a força nos braços. Pousou os sacos na bancada no último instante, já a sentir as palmas das mãos a arderem.

Foi então que ouviu passos.

Primeiro entrou em choque; depois, em alerta.

Havia uma gaveta à direita, à distância de um braço. Devia ser a dos talheres. Podia tirar uma faca. Não, um facalhão. Se não estivesse ali, estaria na de baixo.

Os passos soaram mais próximos. O intruso vinha da sala para a cozinha.

Os olhos desceram para a gaveta e, ainda antes de ter decidido o que fazer, já o braço descia também. Pegou numa faca de cabo de aço e virou-se para trás num salto, no instante em que o homem entrou na cozinha.

— Ei! — arquejou, empalidecendo ao vê-la.

Sofia permitiu-se um segundo para reparar que o indivíduo teria a sua idade ou perto disso e que estava demasiado chocado para ser alguém que ali tivesse ido com intenção de roubar alguma coisa. Se assim fosse, teria fugido ao perceber que outra pessoa entrara em casa. E, ainda que quisesse ver quem chegara, se estivesse ali com más intenções, já teria feito mais do que olhar para ela de boca aberta e olhos esbugalhados.

— Quem é você? — perguntou, esforçando-se por soar feroz.

— Olhe que eu podia fazer a mesma pergunta!

Semicerrou os olhos e apontou-lhe a faca. Apesar da distância, o gesto fê-lo erguer os braços, de mãos viradas para ela.

— Diga-me já quem é!

— Sou o David! E você quem é?

— Sou irmã do Vicente.

Se lhe tivesse dito que era da maçonaria, não o teria chocado mais.

— Irmã? Ele tem uma irmã?

Aquilo magoou-a, mas nem teve tempo de digerir. David desviou o olhar do dela, enquanto passava os dedos trémulos pelo cabelo.

— Meu Deus... eu não sabia... mas o Vicente...

— Sabe o que lhe aconteceu?

— Sim, sei. Soubemos todos, claro.

Todos quem?, pensou Sofia, mas obrigou-se a deixar a pergunta para mais tarde. Para já, havia coisas mais importantes.

— Afinal, o que é que estás aqui a fazer? — insistiu, optando por abdicar do «você».

— Vim dar comida aos peixes.

— Quais peixes?

— Há um aquário, na sala. Ainda não tinhas visto? Não é assim tão pequeno...

— Cheguei ontem à noite e ainda não explorei bem a casa.

— Então, anda lá que eu mostro-te.

David baixou devagar os braços enquanto falava, ainda a medo. Sofia apercebeu-se de que continuava a apontar-lhe a faca. Guardou-a na gaveta, sentindo-se muito idiota. David enfiou as mãos nos bolsos das calças de ganga, mas não desviou o olhar, que começava a ganhar confiança, do seu.

— Não faz mal. Deves ter pensado que ia assaltar-te ou algo pior. Mas não te preocupes. Sou vizinho do Vicente e só vim mesmo tratar-lhe dos peixes.

— Está bem... OK, está bem.

— Vais dizer-me como te chamas ou não?

— Sim. Sou a Sofia.

— Bem, Sofia, vamos fingir que foi um prazer conhecer-nos — sorriu David.

Sofia corou, mas anuiu, sem tirar os olhos dele.

— Mostra-me lá o aquário, vá.

Seguiu-o até à sala, enquanto David explicava que Vicente lhe pedia para vir mudar a água e dar de comer aos peixes quando estava fora.

— Ainda pensei que depois de ele... de *aquilo* acontecer, que a Marta viesse buscar o aquário. Mas, como ainda não o fez, tenho continuado a tratar deles...

Ao chegarem, Sofia percebeu a facilidade com que o aquário lhe passara despercebido. Ficava ao fundo, num móvel de madeira, ao lado do cortinado e da janela. Perguntou-se se a intenção de o colocar ali seria que os peixes não se sentissem tão longe de casa. Era um aquário redondo, de vidro, com pedrinhas e conchas de várias cores, uma planta artificial e dois peixes a nadar por entre as folhas. Sofia não percebia nada de peixes, mas achou-os bonitos. Um era às manchas, vermelho e branco, e o outro todo preto, com enormes olhos de extraterrestre.

— Não tinhas mesmo reparado neles, há? — comentou David.

— Não, por acaso não. Não fazem muito barulho, não é?

David sorriu e olhou-a de viés, apreciando a piada. Agora que começava a convencer-se de que ele não a tentaria atacar, Sofia permitiu-se avaliá-lo melhor.

Não era nada de extraordinário, mas também não era de deitar fora. Olhos e cabelo castanhos — este último despenteado e um pouco para o comprido de mais —, bronzeado uniforme, boca carnuda e barba rente e composta. Já devia ter aqueles ténis e calças há anos e a camisola desportiva preta parecia quente e confortável.

Parecia ser um tipo leve e descontraído. O típico boy next door.

— Obrigada por teres continuado a tratar dos peixes — comentou, tornando a olhar para o aquário. — O Vicente não queria que eles morressem.

Sentiu-se tão estúpida. Como se a maior preocupação de alguém, depois de dar um tiro na cabeça, fosse que lhe assegurassem o bem-estar do raio dos peixes.

— Foda-se...

Aquela também era a única forma que Sofia encontrava para resumir a situação, mas David virou-se logo para ela, envergonhado.

— Não peças desculpa — disse Sofia. — O que aconteceu é mesmo uma merda.

— Pois é... caramba, nem consegui ir ao funeral, mas gostava de o ver. Em que cemitério é que ele...?

— Ele não queria ser enterrado. Foi cremado e a Marta espalhou as cinzas no mar. Se quiseres, posso dizer-te o sítio, mas...

— Não é a mesma coisa. Mas, sim, faz sentido. Ele chegou a comentar connosco que não queria apodrecer debaixo da terra.

— *Connosco?*

— Comigo e com o resto da malta que ele conhecia por cá. Sou dono do bar na praia a seguir a esta, a do Navio. Ele ia lá muitas vezes.

Sofia só conseguiu assentir, porque não havia nada que pudesse dizer. Era uma parte da vida dele de que não fazia a menor ideia.

— Como é que a Marta e os miúdos têm estado? — atalhou David.

— Agora, um pouco melhor. Nos primeiros tempos, foi o caos, mas vão recuperar. E têm o apoio dos meus pais e dos dela, claro.

— E o teu, não têm?

Se ele lhe tivesse dado um estalo, não teria doído mais.

— Claro que têm. Tenho ajudado o melhor que posso.

— Desculpa, não devia ter aberto a boca. Claro que a situação também está a ser horrível para ti...

— Está, mas, tal como eles, também já passei a pior fase.

Viu que não o convencia, mas dessa vez David teve a decência de não insistir.

— Então, o Vicente deixou-te a casa?

— Não, continua a ser da Marta, mas ela ainda não consegue voltar. Um dia há de conseguir, mas ainda é cedo. Aliás, nem eu nem os meus pais nem os dela tínhamos conseguido cá vir. Eu só vim agora porque...

Porquê? Porque é que quiseste vir, afinal?

— Para dar um jeito à casa, certo? — sugeriu David.

— Sim. Queria ver como estava... e queria conhecê-la, para ser sincera.

— Nunca cá tinhas vindo?

— Não. Estive sempre à espera da melhor oportunidade e... olha, o Vicente morreu e acabei por ter de vir sozinha.

Baixou o olhar para o aquário. David não a conhecia de lado nenhum e não tinha de aturar as suas lágrimas.

— Lamento muito o que aconteceu — repetiu David.

Sofia recuou um passo, tentando que a dor que emanava dela não o alcançasse.

— Obrigada. E desculpa, mais uma vez, pela forma como te recebi.

— Não peças desculpa. No teu lugar, teria feito o mesmo — tranquilizou-a, encolhendo os ombros. — Mas bem, é melhor ir andando. Não te roubo mais tempo. Se precisares de ajuda com alguma coisa, estou aqui.

— Obrigada, mas, para já, só preciso de que a luz volte...

— Ah, sim, o temporal ontem à noite mandou tudo abaixo, mas as equipas já andam por aí a reparar as coisas — assegurou, começando a afastar-se. — Se quiseres, mais logo, passa pelo bar, bebe um copo. Acho que vais gostar.

Sofia anuiu e deixou-o ir. Deu pela porta a fechar-se e, como não ouviu o motor de nenhum carro, supôs que ele tivesse ido

a pé. Disse que era vizinho de Vicente, por isso talvez morasse logo na casa ao lado ou numa das seguintes.

Acocorou-se diante do aquário para ver melhor os peixes. O preto levantou a cabeça e olhou para ela, e quase podia jurar que lhe lançou um olhar de profunda solidariedade, porque também ele fora abandonado.

Sentou-se no chão, encostada à parede fria. Puxou os joelhos ao peito, o olhar a perder-se no vazio, e pensou em tudo o que Vicente escolhera deixar para trás.

Capítulo 3

Depois de arrumar as compras na cozinha e a roupa no quarto de hóspedes, onde optou por continuar a dormir, e de ter preparado um almoço rápido e insípido, Sofia viu-se sem nada para fazer. Ainda passou algum tempo sentada à mesa, a fumar e a olhar pela janela. Imaginou o que conseguiria ver da praia, se não estivesse tanto nevoeiro. Se no verão o tempo fosse tão bom quanto a empregada do café dissera, talvez conseguisse perceber o que levava Vicente a comprar uma casa ali.

A certa altura, a inércia e o frio começaram a fazer-lhe comichão. Havia algo que já devia estar a fazer, mas ainda não se sentia capaz de pegar no computador. E como ainda não conhecia a casa inteira, serviu-se daquela desculpa para procrastinar.

Começou pelo piso de cima. Sabia que a primeira porta, do lado esquerdo, era a do quarto de Marta e Vicente, por isso optou pela seguinte. Espreitando para o interior, viu duas camas de solteiro, uma com uma capa de edredão com animais e a outra às flores. Além daquele detalhe, nada indicava ser o quarto dos sobrinhos. A mesa de cabeceira, entre as camas, tinha um candeeiro simples, os cortinados eram beges, translúcidos, o tapete aos pés das camas também era muito básico e não se via um único brinquedo.

Saiu do quarto com um nó na garganta, que só pioraria no de Vicente e Marta, por isso viu-o de fugida, só um par de segundos, que bastaram para perceber que também era espaçoso, com uma cama de casal com cabeceira em madeira alta e decorado nos mesmos tons marítimos do piso inferior. Assim que os olhos pousaram na fotografia, na mesa de cabeceira à esquerda da cama, apressou-se a fechar a porta e a dirigir-se para as escadas.

Parou a meio, olhando para baixo.

Devia ir sentar-se ao computador. Tinha tanto que fazer, tanto trabalho que andava a acumular há meses. Ou podia entreter-se com outra coisa, por mais fútil que fosse, que ajudasse o tempo a passar e a impedisse de descer ao inferno.

E continuar a viver com medo de uma divisão da casa onde depois queres dormir descansada à noite? Não me parece lá muito inteligente.

E apesar de não querer dar-lhe razão, sabia que ele a tinha. Mais cedo ou mais tarde, teria de lá ir, pelo que mais valia fazê-lo já. Inspirou fundo, munindo-se de coragem, e desceu, a sentir o impacto de cada passo reverberar-lhe pelo corpo. Estacou diante da porta — igual a todas as outras da casa, mas, aos seus olhos, um portal para o submundo — e pousou a mão na maçaneta, sem conseguir rodá-la.

Vira as fotografias. Marta avisara-a de que seria pior assim, de que mais valia ficar-se pela descrição sumária que a Polícia fizera, mas ignorou-a e viu-as, uma por uma, cada detalhe do cenário do crime que o irmão atentara contra a própria vida e contra a sua também. E agora não conseguia ultrapassar aquela dúvida medonha: será que, ao abrir a porta, ainda estaria tudo como as fotografias haviam registado, no papel e na sua memória? E se Vicente continuasse estendido no chão, a esvair-se numa poça de sangue e massa encefálica, os olhos vidrados fixos no teto, como se implorasse para ir para o céu, apesar do que acabava de fazer?

Não. A Polícia garantira-lhes que trataria de tudo, para pouparem Marta de o fazer, e que, no fim, não restaria nada.

A sua fé naquilo era quase nula, mas, ainda assim, abriu a porta. Procurou o interruptor na parede, mais por descargo de consciência do que por acreditar que já tivessem reposto a eletricidade, mas, quando o premiu, a luz acendeu-se. Ergueu o olhar e percebeu que vinha de um candeeiro pequeno de teto. No momento em que o baixou de novo, um suspiro irrompeu dela.

O chão estava limpo. Já não restava qualquer vestígio de Vicente na pedra cinzento-escura, lisa e imaculada.

A divisão também se revelou mais pequena do que previa. Na verdade, era pouco maior do que o quarto de Matilde e Tomás, e tratava-se claramente do repositório de tralha que Vicente e Marta não queriam ter à vista, lá em cima, mas de que também não se conseguiam desfazer. Só as duas estantes, na parede do fundo, chamavam mais a atenção. Ignorou o sofá roído pelas traças, os eletrodomésticos velhos e as cadeiras e bancos desdobráveis que ele e Marta acrescentariam em volta da mesa da cozinha quando recebiam convidados, e chegou às estantes.

As prateleiras estavam repletas de velhas caixas de cartão, dossiês e pastas, sem nada escrito nas lombadas. Puxou a primeira. Era tão pesada que teve de a apoiar contra o peito para conseguir abri-la. Lá dentro, centenas de faturas de eletrodomésticos, tanto daquela casa como do apartamento de Lisboa. Faturas, declarações ao Estado, burocracia e mais burocracia, naquela caixa e nos quatro seguintes. Passou aos dossiês e às pastas, mas também estes só continham documentos da contabilidade da clínica dos seus pais, das finanças pessoais deles e das de Vicente e Marta. Até havia três dossiês das finanças de Sofia, que, tal como os pais, Marta e os pais desta, confiava tudo o que envolvesse dinheiro a Vicente.

No entanto, na terceira prateleira da segunda estante, surgia algo diferente.

Mal puxou a pasta, viu uma etiqueta branca e lisa, na capa, com «Santos, Maria» na primeira linha e «12-08-2002—» na segunda.

Percebeu logo que era um processo policial.

Tornou a guardá-la e verificou as seguintes. Estavam ordenadas por data e por ordem alfabética dos apelidos das vítimas.

No centro da sala, havia uma mesa com uma cadeira. Pegou nas pastas e dossiês e levou-os para lá, libertando uma nuvem

de pó no ar quando os pousou. Nem se importou com a tosse que lhe causou; a curiosidade falava mais alto. Esperou apenas que o pó assentasse para abrir a primeira pasta, em cuja etiqueta se lia «Santos, Íris, 28-08-2002—». No interior, folhas de papel agrupadas em subpastas e micas, agrafadas ou presas com clips, e muitas soltas. Havia ainda fotografias, blocos de notas, rolos de fotografia e duas canetas no fundo.

Ao deixar-se cair na cadeira, reconheceu que estava no equivalente a uma loja de doces para uma criança gulosa.

Voltou a descer o olhar para a folha inicial do processo. Íris Santos, oito anos, morte por atropelamento e fuga. Caso arquivado.

Uma parte de si sentiu pena dela. A outra, maior, quis devorá-la.

Antes que o bom senso e o respeito pelos mortos a travassem, virou a página e deixou-se mergulhar naquela parte da vida de Vicente que partilhara com ele como ninguém.

*

Estava à beira da exaustão.

Passara os últimos três dias na cave, a estudar os casos que Vicente e os colegas da Polícia Judiciária de Lisboa não tinham conseguido resolver. E que não se resumiam a homicídios; havia tentativas de homicídio, agressões, raptos, abusos sexuais e vários casos de desaparecimentos. Ao perceber que o primeiro processo que ali estava remontava a 2002, arrepiou-se. Vicente só entrara para a PJ em 2008, mas fora em 2002 que tudo começara para ele, com a descoberta do cadáver daquele sem-abrigo. Sabia que ele nunca mais fora o mesmo, mas ter agora a prova do quanto o episódio continuara a consumi-lo era um murro no estômago.

Ao mesmo tempo, explicava a razão para ter decidido matar-se ali.

Não deixou a mágoa travá-la. Analisou exaustivamente cada processo, uma e outra vez. Só fazia pausas para ir à casa de banho ou preparar refeições breves, que acabava por trazer para ali. Comia sem tirar os olhos dos documentos e fotografias e sem sentir o sabor da comida. Fumava cigarro após cigarro. Adiava a hora de se deitar até sentir os olhos arderem de exaustão. Só aí se obrigava a ir para a cama, e mesmo então não conseguia adormecer. Não parava de pensar nos casos. E, mais do que nas vítimas, pensava nas famílias delas.

De início, custou-lhe pôr-se no lugar daqueles pais, mães, avós, irmãos, até filhos, e imaginar como a sua dor teria evoluído ao longo dos anos. Em muitos casos, passara mais de uma década. Não sabia como aguentavam seguir com as suas vidas sem respostas. Sentiu-se mais abatida a cada caso que analisava, cada fotografia que via dos cadáveres nos cenários de crime e nas mesas de autópsia. Foi uma descida ao submundo do pior de que o Homem é capaz, e agora não conseguia voltar a subir.

Perdeu a conta ao tempo que passou lá em baixo.

Quando acordou, demorou a perceber onde estava. Começou por sentir um frio de morte. Doía-lhe o corpo todo. Esfregou os olhos, reparando tarde de mais que tinha as mãos sujas, e olhou em redor. Só ao fim de uns segundos se lembrou de que estava na cave da casa de Vicente. Baixou o olhar para o dossiê aberto diante de si. Observou a fotografia no cimo da página, de uma rapariguinha com ar doce. Carolina Moita, dez anos. Vista pela última vez à saída da escola. Até hoje, não se fazia ideia do seu paradeiro.

Amparou-se na mesa para se levantar. Foi guardar o dossiê na estante, pedindo desculpa, tal como fizera às vítimas dos outros processos, de cada vez que os devolvia ao lugar, por não ter conseguido ajudá-los.

Doía-lhe a cabeça e tinha a garganta e a boca ásperas como lixa. Precisava desesperadamente de um copo de água. Ao chegar

à cozinha, os olhos nem precisaram de se adaptar, porque estava quase tão escuro como na cave. Talvez já fosse hora de jantar. Foi encher um copo à torneira e bebeu-o. Deixou-o no lava-louça e arrastou-se para a sala e escadas acima. Pela primeira vez em três dias, foi tomar banho.

A maioria das casas que conhecia tinha polibás em vez das tradicionais banheiras, mas aquela era à antiga. Parecia a da casa dos avós maternos, no Ribatejo, que, após a morte deles, os pais decidiram vender.

Sofia tapou o ralo e abriu a torneira. Esperou que a banheira enchesse enquanto via o vapor erguer-se da água, colar-se às paredes brancas e cobrir o espelho por cima do lavatório. Quando entrou, a água escaldava. Abraçou a dor, baixou-se até ficar deitada, conteve a respiração e mergulhou.

Vamos competir como antes, mano? Talvez desta vez não me ganhes.

Sentia-se derreter, mas não voltou à tona. Ao fim do primeiro impacto com o calor, a dor transformou-se em prazer.

Manteve-se submersa o máximo que aguentou. Até sentir a cabeça latejar, os pulmões à beira da falência, cada célula do corpo a implorar por oxigénio, que se recusou a dar-lhes porque talvez fosse menos doloroso assim. Se deixasse de respirar de vez.

Anda lá, já chega.

Fechou os olhos com força. Não podia deixá-lo desconcentrá-la. Só precisaria de mais alguns segundos. O peito já lhe doía tanto, os pulmões já estavam tão oprimidos, que já não podia demorar muito mais. Só mais um par de segundos até...

Algo entrou na água e agarrou-a.

Abriu os olhos, e quase abriu a boca também, com o susto de o ver sobre si.

A mão que lhe agarrara a perna, os dedos que se cravaram na carne como tenazes eram os dele, e pareciam tão reais quanto os olhos, cintilantes de ameaça. Estava tão, tão próximo, o rosto

a meros centímetros da superfície da água, que Sofia se impulsio-
nou para cima o mais depressa que pôde.

A tossir e a arquejar, agarrou-se à banheira, que transbordou de tal forma que encharcou o chão. Olhou em volta, desesperada, mas ele desaparecera. Recostou-se de novo e fechou os olhos, a tentar que a respiração acalmasse, que o coração deixasse de querer saltar-lhe pela boca.

Era o que faltava, vires matar-te na minha casa de banho.

Abriu devagar os olhos, desejosa de o ver com a clareza com que o ouvia, mas claro que ele não estava ali.

Daí em diante, existiria somente na sua cabeça.

Tornou a fechar os olhos, deixando as lágrimas correrem. Esperou que Vicente voltasse até a água arrefecer e aceitar que ele não tornaria a conceder-lhe a benesse da sua presença, agora que o seu trabalho estava feito. Só então, já a tremer de frio, pegou no gel de duche e terminou o banho. Esvaziou a banheira, saiu e vestiu o roupão. Limpou uma área do espelho e admirou os olhos. Tinha as pupilas dilatadas, quase a comerem as íris, que costumavam ser cor de mar, mas, naquele momento, mais pareciam cor de lodo.

Só fizera aquilo no dia da morte dele. Assim que a deixaram sozinha, fechou-se na casa de banho, encheu a banheira e deitou-se lá dentro, na vã tentativa de que o calor lhe desintegrasse a dor.

Foi para o quarto e deitou-se. Ouvia o mar lutar contra a areia, lá em baixo, na praia. A chamá-la. Acabou por se render. Levantou-se, vestiu roupa quente e confortável, pegou na mala e saiu. Estava na hora de conhecer a praia que conquistara o irmão, a ponto de o levar a comprar uma casa ali contra a vontade da mulher e a criar na cave um museu para os seus fracassos.

Capítulo 4

Eram 21h30 e, não fossem os candeeiros de rua, a escuridão seria absoluta. Dirigiu-se para as escadas que desciam à praia e, a meio, já mal distinguia o que tinha pela frente. Chegada à base, o negrume era total. Ainda assim, não sentia o medo que a assaltara na cave. Acabou por reconhecer que tivera mais receio de encontrar o fantasma de Vicente do que do escuro em si.

Pôs o capuz quando uma súbita rajada de vento a abraçou com mais força. Continuou a avançar pela areia dura sob as suas botas. O ar estava pesado e o céu voltara a cobrir-se de nuvens. Não se via a lua nem estrelas, e o mar rugia com uma força que superava a da tempestade da noite em que chegara. Enchia-a de um misto de medo e reverência. Avançou quase até à zona da rebentação e, a partir daí, seguiu paralela à água. As ondas iam e vinham, algumas tão perto que temia que a puxassem. Não demorou a começar a tremer de frio, mas não quis desistir.

Ao menos, o mar estava vivo e protestava. Já chegava de mortos que não o podiam fazer.

Caminhou sem pressa, embalada pelo vento e a repensar os casos para os quais ainda não tinha resposta. O que não devia surpreendê-la; se Vicente e os colegas, os verdadeiros polícias, não tinham conseguido deslindá-los, haveria de ser ela, uma patética imitação da Jessica Fletcher, a conseguir? A frustração pesava-lhe no peito e o cansaço nas pernas. Ponderou arrepiar caminho, mas viu luz ao longe e lembrou-se de o vizinho de Vicente — David? Diogo? Não, era David — ter dito que tinha um bar na praia do Navio.

Mas, se as luzes viessem de lá, queria mesmo continuar?

Sim, pensou, talvez não fosse má ideia, por uma noite, tentar sentir-se normal. Tentar passar por alguém que quisera sair, beber um copo, ouvir música e divertir-se um pouco. Nada de extraordinário, para a maioria das pessoas.

Debateu os prós e contras enquanto se encaminhava para lá. A luz jorrava das janelas e ouvia, baixinho, a música que tocava no interior. O bar só tinha um piso, construído sobre um deque. As paredes eram de madeira e, ao lado da janela, um menu em ardósia apresentava os cocktails mais populares. Um letreiro em néon azul, abaixo do telhado, anunciava The Ship's Pub, com dois copos coloridos a brindar e um coco cortado ao meio ao lado do nome, a brilhar em amarelo e vermelho. Subiu e, ao empurrar a porta, o calor e a música que a receberam provaram-lhe que tomara a decisão certa.

De fora, parecia mais pequeno, mas revelou-se bastante amplo. O bengaleiro, à entrada, tinha alguns casacos pendurados. A seguir, começava a zona das mesas. Só três estavam ocupadas, duas por casais e a outra por três amigos. O balcão do bar, em madeira envernizada, corria ao longo da parede à esquerda da entrada. Atrás dele, um empregado enxugava um copo de imperial. Em frente ao balcão começavam as mesas e ao fundo e à direita surgia o palco, num plano mais elevado. Os dois holofotes de parede focavam a pessoa sentada no banco alto, no centro.

Com a guitarra ao colo, de olhos fechados e com a voz pesada de emoção, David cantava a *Cold Little Heart*, de Michael Kiwanuka.

Sofia estacou. Bastava a roupa que usava desta vez — calças de ganga escuras, mais estimadas do que as anteriores, botas e uma t-shirt preta, justa, que lhe deixava os braços a descoberto e revelava as tatuagens que os percorriam, e que a camisola desportiva que ele usara da última vez não deixava ver —, mas a mestria com que os dedos deslizavam pelas cordas da guitarra, a voz a derreter-se na boca e o sorriso que lhe dedicou, quando abriu

os olhos e a reconheceu à porta do bar, fizeram-no parecer muito mais atraente.

Piscou-lhe o olho, sem interromper a música. Os clientes viraram-se para verem quem entrara, e Sofia dirigiu-se para o balcão. O empregado, que devia andar pelos trinta e poucos anos, como ela, pousou o copo que estava a secar e recebeu-a com um sorriso.

— Boa noite. O que vai ser?

— Uma *Super Bock*, se tiverem, por favor.

— É para já.

Sofia subiu para um dos bancos diante do balcão enquanto ele lhe passava a cerveja. Tinha um sorriso fácil, simpático, e barba aparada muito rente, do mesmo louro-escuro do cabelo, curto e despenteado.

— Desculpa a pergunta, mas não és de cá, pois não? — indagou, a curiosidade a brilhar-lhe nos olhos claros.

— Nota-se muito?

— Não, mas, nesta altura do ano, só costumamos ter estes clientes — explicou, apontando com o queixo para as mesas. — Já fazem parte da mobília.

— Ah, então está explicado...

— E estás de passagem ou vieste para ficar?

— Para ser sincera, ainda não sei.

Virou-se para o palco, para desencorajar mais perguntas. Os outros clientes também tinham voltado a prestar atenção a David, mas iam lançando olhares de viés a Sofia. Deviam perguntar-se quem seria e de onde viera. Deixou-os especular e concentrou-se em apreciar a bebida e a música. Já a conhecia e gostava muito dela, e David fez-lhe justiça. Mais um ponto a seu favor.

Quando terminou, anunciou que ia fazer uma pausa, e o empregado pôs música ambiente. David desceu do palco e aproximou-se do bar com um sorriso rasgado.

— Olá, Sofia.

— Estiveste muito bem ali em cima.

— Obrigado. Posso oferecer-te uma?

— Claro.

— João, mais uma cerveja para a Sofia e outra para mim.

João foi buscar as garrafas ao armário sob o balcão atrás de si.

— Já se conheciam? — perguntou a David, quando lhe estendeu as bebidas.

— Tivemos uma espécie de encontro imediato de terceiro grau — disse Sofia.

— E eu quase morri por isso — completou David.

As sobrancelhas de João galgaram quase até à linha do cabelo.

— Calma, não chegou a acontecer nada — apressou-se David a dizer. — E, se tivesse acontecido, a culpa teria sido minha. A Sofia só estava a defender-se.

— Mas o que é que lhe fizeste?

— Entrei-lhe pela casa e ela achou que a ia assaltar. Está em casa do Vicente. É irmão dele.

As sobrancelhas de João pareciam já não poder subir mais, mas conseguiram essa proeza.

— Também só descobri quando ela me contou — esclareceu David. — Mas, pronto, apareci lá e ela ameaçou-me com uma faca quando entrei na cozinha.

— Mas o David explicou logo o que estava ali a fazer e ficámos os melhores amigos — brincou Sofia.

David tocou ao de leve com a sua garrafa na dela, ante o olhar de João, cujo choque começava a dar lugar à pena.

— Tira uma para ti também — incentivou David.

João foi buscar uma cerveja, abriu-a e ergueu-a num brinde. Já nada restava do sorriso sedutor do início, apenas o mesmo choque com que David recebera a notícia.

— Ao Vicente. Que esteja em paz — declarou.

Brindaram e beberam em silêncio, ao som da música que começara a tocar. Sofia reconheceu a *Like a Stone* assim que a voz de Chris Cornell encheu o bar e sorriu à ironia da situação. Olhou para David, apanhando-o a olhar para ela, e fugiu-lhe.

Respeitaram a música até à última nota. Sofia apreciou a consideração que aqueles dois estranhos tinham pela memória de Vicente, pareciam estimá-lo tanto, mas também a reverência à música. Emocionava-a sempre reconhecer esse mesmo amor nos outros.

João pousou a garrafa e virou-se para Sofia.

— Então, e a Marta e os miúdos?

— Estão bem, dentro dos possíveis.

— Não há de estar a ser fácil. Quantos anos tem o mais novo? Cinco?

— Três — corrigiu Sofia.

— A miúda é que já é mais velha. Tem oito, não é? — confirmou David.

— Sim.

— Deve ser ainda mais lixado para ela. O puto ainda não deve perceber bem o que se passou, mas ela já. Pobre miúda — comentou João.

Sofia bebeu para disfarçar o incómodo. Não fora à procura daquilo. Para continuar de volta dos mortos, tinha ficado em casa.

— As noites são sempre assim por cá? — atalhou, esforçando-se por sorrir.

David captou a deixa e lançou-se na explicação de como o ritmo do bar diminuía no outono e inverno, mas, mesmo assim, mantinham a porta aberta pelos clientes habituais. Acabou por ser interrompido por um deles, do grupo sentado à mesa do fundo.

— Não vais tocar mais?

— Vou, vou já! — disse David, voltando-se para Sofia. — O dever chama.

Regressou ao palco. Assim que começou a tocar, fixou os olhos nos de Sofia com uma força que a arrepiou. E embora não conhecesse a música — mais tarde, descobriria que era *One Day*, de Sean Riley e The Legendary Tigerman —, soube logo, pelo que a voz de David provocava no seu corpo, que o melhor era tentar concentrar-se em João, para não perder a compostura.

Ele encostara-se ao balcão, o olhar perdido no vazio. Achou melhor não o interromper, mas era tarde de mais.

— Porque é que vieste para cá, Sofia?

— Aqui ao bar?

— Não, para Santa.

— Precisava de ver a casa do Vicente — respondeu, e, percebendo que ele se preparava para insistir, acrescentou: — Vim ver se me distraía. Por isso, dá-me algo mais forte do que cerveja ou vou ter de ir à procura noutro lado?

João esboçou um sorriso sarcástico antes de se virar para a prateleira atrás de si. Tirou uma garrafa de rum e outra de vodca e foi buscar um limão. Passou o shot a Sofia com os olhos semi-cerrados em jeito de desafio e ela bebeu-o de um trago, aliviada por poder escapar às perguntas por mais algum tempo.

Mas ciente, pelo que lhe leu nos olhos, de que não escaparia para sempre.

ELA QUER SABER A VERDADE... MAS A QUE CUSTO?

Sofia não é a mesma desde que Vicente morreu. Desesperada por se agarrar à memória do irmão, muda-se para a casa de férias em Santa Cruz, onde ele se isolava do mundo e revia incansavelmente os casos que não conseguiu resolver na Polícia Judiciária.

Só que a casa não esconde apenas casos antigos.

Após uma noite de tempestade, que Sofia passa com David, um amigo do seu irmão que se revela um inesperado porto de abrigo, acorda com a notícia de que um corpo foi encontrado junto à casa de Vicente. Os inspetores César Delgado e Rodrigo Gonçalves, com quem Sofia também tem uma relação complexa, são chamados a conduzir a investigação, a qual trará consigo uma vaga de mentiras e segredos capaz de arrasar a ideia que Sofia tinha de Vicente — e de si própria.

Perseguir a verdade sempre lhes esteve no sangue, e apesar de defender que o tempo em que a sua vida pessoal e profissional se fundiam acabou, Sofia não vai conseguir virar costas ao caso de Liliãna Ribeiro nem a Santa Cruz, onde está disposta a ficar até ao fecho da investigação... mesmo que esta coloque a sua vida em perigo.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-513-3



9 789895 835133